

Quando vida, fé e festa se mesclam: Sentidos mais que sagrados de se comemorar Nossa Senhora do Rosário em Goiás¹

Cairo Mohamad Ibrahim Katrib²

DOI:10.4025/rbhranpuh.v8i22.28849

Resumo: O objeto de estudo deste artigo é o Congado da cidade de Catalão-GO, localizada na região sudeste do estado de Goiás, inserido no contexto das comemorações em louvor a Nossa Senhora do Rosário, por meio do qual procuro analisar como essa prática cultural foi sendo recriada no cotidiano dos congadeiros para continuar existindo e persistindo até os dias de hoje como parte fundante da cultura do município, sendo uma das maiores comemorações de cunho festivo-devocional do interior do país. Nele, a partir do uso da memória e da oralidade, procuro recompor as histórias vividas, sentidas, os pertencimentos, as rupturas, os valores e todos os significados sagrados e profanos partilhados, principalmente pelas famílias congadeiras que mantêm viva a prática do Congado como sinônimo de vida, de fé e de festa. As histórias desse festejar têm na oralidade e na memória de seus praticantes o fio condutor das muitas histórias de vida dessas famílias. Sendo essa linguagem pautada na preocupação com sua ancestralidade, com a atualização da memória dos antepassados propiciando que tal prática seja reelaborada para continuar viva e presente como marca identitária de seus praticantes. A metodologia aplicada se pautou na utilização de corpus oral e escrito, entrevistas e visitas de observação às famílias congadeiras. Os principais referenciais teóricos utilizados foram: Stuart Hall, Peter Burke, Michel De Certeau, Halbwachs, Pollack, dentre outros que contribuíram para uma reflexão interdisciplinar da temática pesquisada.

Palavras-Chave: Festa - Congado - Memória – Sagrado - Profano

When life, faith and feast mix:

Most sacred meanings to celebrate “Our Lady of the Rosary” in Goiás

Abstract: The objective of study in this article is the “*Congado*” in the city of Catalão-GO, located in the southeast region of the state of Goiás, which is inserted into context with the celebration of the festivities that honor “Our Lady of the Rosary”, through which we tried to analyze how this cultural practice has been recreated in the daily lives of the “*congadeiros*” (those who take part in the dance) to continue being carried out to this day as a pillar of local culture, being one of the most important celebrations of devotional festivals in the interior of the country. In it, stemming from recollections and stories, we try to recompose the stories lived, felt, belongings, ruptures, values and all significances holy and profane that were shared, mainly by the families of those “congadeiros” that keep the practice of the “*Congado*” alive as a synonym of life, faith and festivity. The methodology used was based on the use of oral and written corpus, interviews and observation

¹ Esse artigo é uma versão estendida do texto apresentado ao GT Nacional de Religiões e Religiosidades apresentado no XXVIII Simpósio Nacional de História-ANPUH- Florianópolis, julho de 2015.

² Doutor em História Cultural- Universidade de Brasília (UNB), docente do curso de História do Campus Universidade Federal de Uberlândia (UFU Ituiutaba). Trabalha com a temática cultura popular, religiosidade afro-brasileira. Email: cairo@pontal.ufu.br

visits to congadeiras families. The main theoretical references used were: Stuart Hall, Peter Burke, Michel De Certeau, Halbwachs, and Pollack among others that contributed to an interdisciplinary reflection of the researched theme.

Key Words: Festival – Congado – Memory – Sacred – Profane

Cuando la vida, la fe y la fiesta se mezclan:

La mayoría de los significados sagrados para celebrar la Virgen del Rosario en Goiás

Resumen: El objeto de este artículo es Congado ciudad Catalao-GO, ubicado en la región sureste del estado de Goiás, colocado en el contexto de las celebraciones en honor de Nuestra Señora del Rosario, del cual trato de analizar cómo estaba siendo esta práctica cultural recreado en congadeiros todos los días para seguir existiendo y que persiste hasta nuestros días, como parte fundamental de la cultura del municipio, una de las mayores celebraciones de carácter festivo devocional del campo. En ella, por el uso de la memoria y la oralidad, intentan restaurar las historias vivieron, sintieron las pertenencias, las pausas, los valores y todos los significados sagrados el profanos compartidos, principalmente por familias congadeiras que mantienen viva la práctica de Congado como sinónimos de la vida, de la fe y la celebración. Las historias que han de fiesta en la oralidad y la memoria de sus practicantes el hilo de las muchas historias de vida de estas familias. Se guía en este idioma preocupación por su ascendencia, para actualizar la memoria de los antepasados que proporcionan que dicha práctica se vuelve a trabajar para seguir con vida y se presentan como la identidad de marca de sus practicantes. La metodología utilizada se basa en el uso de corpus oral y escrita, entrevistas y visitas de observación a congadeiras familias. Los principales referentes teóricos fueron: Stuart Hall, Peter Burke, Michel De Certeau, Halbwachs, Pollack, entre otros que contribuyen a una reflexión interdisciplinaria sobre el tema buscado.

Palabras clave: Party - Congado - Memoria - Sagrado - Profano

Recebido em 27/07/2014- Aprovado em 08/08/2015

Palimpsesto de fé e de festa

A Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário da cidade de Catalão, no sudeste do estado de Goiás é o espaço de materialização de muitas vozes que fazem ecoar, continuamente, diversas histórias as quais recontam a trajetória de vários sujeitos sejam eles protagonistas de um enredo eleito pela história oficial dos festejos ou esquecidos por ela, mas não tão menos importantes no descortinamento de outros cenários. São eles quem redesenham essas histórias na latência de suas experiências de fé e devoção. São eles também quem contribuem para que o mosaico cultural brasileiro siga uma dinâmica própria, já que vivem as práticas festivas cada qual a seu modo.

Esse viver festivo mescla práticas que misturam comemoração e devoção. Entretanto, as expressões de fé foram se recriando Brasil afora, aproximando o catolicismo das manifestações africanas ou afrodescendentes, em especial porque os negros de origem banta principalmente os de Angola e os do Congo foram mais receptivos aos cultos de adoração a Virgem do Rosário, fruto de um contanto anterior com esse tipo de veneração no continente africano em virtude da constante presença dos colonizadores e de suas tentativas de convertê-los ao catolicismo. Foi através do culto à Senhora do Rosário, que os negros rearticularam suas crenças, reinterpretando os rituais

de devotamento ao rosário. Os festejos à Santa se difundiram entre brancos e negros no Brasil pelo incentivo a devoção Mariana disseminada pelas colônias portuguesas como África e Brasil. Todavia foi aqui que tivemos uma maior expressividade desse culto, principalmente entre os afrodescendentes. Essa prática iniciou nos engenhos, proliferando pelo interior do país com o ciclo da mineração, principalmente nas cidades em que essa atividade foi evidente como em Minas Gerais. De Minas as tradições e as manifestações da cultura negra se espalharam por outras cidades de outros estados como é o caso de Catalão-GO.

Experimentar a festa, desvelar seus sentidos, compreender o ritmo que ela imprime à vida de seus praticantes não é tarefa fácil, pois as experiências religiosas dos sujeitos se transformam, a cada dia, em teias de significados múltiplos que interligam fé e festa, presentificando as narrativas do passado as histórias e as memórias do presente. Numa tentativa de compreensão de como o sagrado se manifesta e se confunde com o exercitar cotidiano dessa prática cultural tão dinâmica, esse artigo objetiva enveredar pela festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário, a fim de compreender o que faz dela tão significativa aos seus praticantes ao ponto de uma cidade ter sua rotina alterada em função da realização dos festejos.³ Vale enfatizar que o diálogo pretendido só é perceptível se compreendido na lógica interdisciplinar em que as práticas culturais se inserem, o que admite associar o entendimento das comemorações festivo-devocionais à história de vida de seus participantes, entendendo essa relação como fruto das vivências e experiências cotidianas dos indivíduos em seus grupos sociais.

Partindo da premissa apresentada por Caillois (1989, p.130) de que a festa é um acontecimento que não envolve só a ruptura com o cotidiano, é possível perceber que ela se edifica em camadas sobrepostas que precisam ser desveladas e isso só se torna possível se direcionarmos um olhar mais atento sobre os seus vários momentos de efetivação, pois eles expressam, ao mesmo tempo, o extravasamento e a introspecção, a comilança e a penitência, o riso e as lágrimas evidenciando uma multiplicidade de sentimentos que se redefinem pela lógica da ruptura momentânea que a comemoração permite. Nesse caminho, “a festa deve ser definida como paroxismo da sociedade, que ela purifica e renova ao mesmo tempo [...] manifesta a glória da coletividade e a retempera em seu ser”. (CAILLOIS, 1989, p.130-131).

As comemorações festivas permitem ao homem desenvolver uma necessidade coletiva de celebrar o cotidiano? Quais os contornos desse celebrar para cada indivíduo? A festa é o momento da quebra de regras para viver tudo aquilo que nos dias comuns parece não ser permitido?

³ As comemorações em louvor a Nossa Senhora do Rosário acontecem numa área central em torno de onde está erigida a igreja. Ao redor dela se instalam cerca de três mil barracas de lona que vendem os mais variados tipos de produtos; é edificado um grande rancho de palha que simboliza as antigas festas rurais aonde acontecem bingos, leilões e bailes. As comemorações acontecem por cerca de 10 dias e a população da cidade que é em torno de 90 mil habitantes dobra de valor, uma vez que essa é uma das maiores festas populares do país e que tem, nos mais de 21 grupos de congado, que reúnem cerca de quatro mil congadeiros, seu maior atrativo.

Frente a tais questionamentos é nítido que o indivíduo, através da festa, é capaz de (re) construir sentidos próprios para o viver e que, associado a isso, ocorre uma série de práticas sociais que o tiram da esfera do individual, transportando-o para o da coletividade. A festa edifica seu sentido de propiciadora de uma ruptura momentânea, a partir do momento que o seu significado é reconstruído pelos próprios sujeitos. Então, tudo se pode durante a festa?

Caillois (1989, p.133-134) afirma que o excesso proporcionado pelo ato de festejar não é meramente um epifenômeno da agitação, um revigorante momentâneo, que leva a uma exaltação extraordinária do vivido a partir do êxtase propiciado pelo ato da comemoração. Destaca também que toda festa é representação coletiva. Nesse caminho cabe mais uma indagação: como as pessoas incorporam, no seu dia-a-dia, a necessidade da comemoração?

Duvignaud (1983) nos auxilia nessa resposta. A festa se apodera do cotidiano, propiciando ao indivíduo experimentá-la de diferentes formas sem negar a realidade, já que assume o papel de espaço da inovação, da ruptura, da teatralização, pois o sujeito que a vivencia vive um momento de representação atípico daquele que se presentifica diariamente nas suas relações sociais.

Partindo das reflexões de Duvignaud é possível dizer que a festa não é simples e não se contenta em ilustrar ou representar. A festa tem um caráter de espetáculo⁴ que mantém aflorado seu universo simbólico, lúdico e ritualístico que envolve tanto as comemorações quanto as mais variadas formas de contato com o sagrado, porém essa espetacularização não é mera encenação do passado. Ela pode adquirir a função questionadora do social, da própria cultura e do próprio cotidiano. Contudo, a aquisição desse papel se concretiza na consumação do vivido durante os momentos de ruptura cotidiana, quando os indivíduos extravasam suas vontades e desejos, sendo capazes de atrair a mudança, como bem esclarece Burke (1995).

No tocante a comemoração em louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão ela não se resume a um mero acontecimento festivo em que ocorre o desfile dos grupos do Congado⁵ pelas ruas da cidade como mera reprodução do vivido no passado. Ela se

⁴ Segundo a definição morfológica e semântica, a palavra espetáculo vem da origem latina "spectaculum", cujo significado é prender com o olhar, manter a atenção. É também definida como ato ou acontecimento social e, excepcionalmente, natural, mas de uma natureza carregada de sentido e memória cultural. Segundo esse autor, a festa se refaz dentro de várias dimensões e, uma delas, é a dimensão secular, que mesmo tendo recebido o rótulo de condição negativa, propicia a inserção social do indivíduo e a sua participação muito mais do que a de mero observador na construção/reconstrução de suas práticas culturais.

⁵ Congado ou Congada é uma manifestação que rememora com dança, música e batuque a coroação dos reis negros. Geralmente todo o festejo rememora a África distante e atualiza e ritualiza as batalhas entre mouros e cristãos ou entre os reinos africanos, em especial a disputa travada entre o Rei Coriongo e a Rainha Nzinga. Em Goiás O Congado é composto pela família real que representa os reis africanos e pelos grupos de Moçambiqueiros que representam os primeiros africanos que no Brasil aportaram, ou seja, nossas raízes ancestrais; os congos que são os soldados protetores da família real e de Nossa Senhora e pelos vilões,

refaz por meio da materialização das pertencas, dos sentidos simbólicos, lúdicos e dos valores étnicos, incorporados a vida de seus praticantes. Ela é provocadora de transformações, pois se recria na sua atualização permanente.

As festas no contexto da Cultura Popular não devem ser interpretadas como mero espetáculo. É por esse caminho que releio a festa realizada em Catalão, visando o entendimento da sua dinamicidade. Para isso é preciso se despir da ideia de que ela se encaixa na perspectiva de uma simples encenação, algo vazio e sem sentido, uma vez que, como esclarece Mafra (2006, p. 55), espetáculo não é só encenação momentânea exteriorizado na forma de um acontecimento. Espetáculo é representação e sendo representação é constitutivo de vários significados e não simplesmente o de encenação vazia ancorada num passado remoto.

O espetáculo se dá num campo extraordinário, que irrompe também com a vida ordinária, “com todo um sistema de regras e procedimentos não aplicáveis a ela, que apreendemos a sua dimensão dialógica” (MAFRA, 2006, p.58-59). Sendo a festa considerada um espetáculo, ela se traveste de todas essas possibilidades dialógicas.

Espetáculo é, então, o visível, “mas também o notável, o belo, o admirável, a glória [...] espetáculo é o que se dá a ver, que coloca o seu apreciador na condição de espectador” (GOMES apud MAFRA, 2006, p.64-65) ao mesmo tempo em que lhe propicia a ação de representar e a de ser representado. Acrescento que as festividades são frutos da recriação dos sujeitos sociais, por isso são produtos das vivências coletivas. São então espetáculos vivos encenados no palco da vida, tendo como protagonistas os atores sociais e suas múltiplas formas de fazer e produzir cultura.

A festa não deixa de ser um espaço coletivo. Ela transforma o cotidiano um lugar extratemporal, extraordinário, de multiplicidade de (re) descobertas, diferenciando os dias de festa dos dias comuns. Da mesma forma que é capaz de alterar os momentos festivos em espaço de vivências, (re) construtores de culturas. “A festa nos lembra o que se deve demolir para continuar existindo”. (DUVIGNAUD, 1983, p. 233).

Portanto, ela, enquanto comemoração coletiva representa muito mais do que o simples cultivar ou rememorar o passado, contemplar imagens sacralizadas ou os mitos e heróis concebidos pela sociedade. É nessa lógica que a festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário se torna interessante campo de pesquisa sendo muito mais do que uma encenação comemorativa a se assistir de longe. Ela nos convida a penetrar pelo seu interior e a usufruir as muitas formas de extrapolação do cotidiano, principalmente interagindo com seus momentos sagrados e profanos.

Nesse viés, a interlocução com ela percebida como propiciadora do descortinar de múltiplos sentidos sejam eles sagrados ou não ou como fenômeno gerador de

penachos, marinheiros e catopés que são os guerreiros protetores da Realeza, cada um simbolizando uma proteção geográfica específica, ou seja, por terra, pelo mar ou pelas matas.

sociabilidades é extremamente profícuo de análises, pois pensar a festa em movimento é percebê-la como prática que se reordena de diversas formas de acordo com a apropriação dessas comemorações pelos sujeitos sociais.

Dessa forma, destaco que a festa não é tão somente um acontecimento exótico e nem tampouco um fenômeno folclórico como muitos ainda a interpretam. É uma prática de sociabilidade marcante. Portanto, um exercício social e cultural produzido e recriado pelos atores sociais, que mesmo reencenada repetidas vezes para se inserir no tempo presente, não se refaz sempre do mesmo modo, pois sua recriação se respalda na ação da memória e da própria história que, juntas, recompõem para os sujeitos sociais as muitas intencionalidades do festejar, do rezar e da própria vida.

O compartilhar dos momentos festivos para os diferentes indivíduos perpassa pelo simples ato de ruptura com o cotidiano, indo ao encontro daquilo que Perez (2002, p.19) apoiada em Caillois e Duvignaud chama de ato coletivo extra-lógico, extra-ordinário e extra-temporal. A festa proporciona o (re) estabelecimento de certa interdependência de relações que permite ao indivíduo senti-la como parte fundante de sua vida e, assim, experimentar “a vida social” como momento de recriação identitária.

As comemorações em louvor a Nossa Senhora do Rosário podem ser pensadas como sendo parte dessa recriação de valores, modos de vida e fazeres cotidianos, entendida aqui como sinônimo de pertencimento, de marca identitária, como bem reflete Hall (1996; 2003) ao afirmar ser a identidade construída a partir de uma correlação com as práticas culturais. As identidades são, então, identidades culturais que provêm de alguma parte, que têm histórias. “Mas, como tudo o que é histórico, sofre transformação constante”. (HALL, 1996, p. 69). É por isso que se pode dizer que a:

Identidade Cultural não possui uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final e absoluto. [...] Tem suas histórias – e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. [...] As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento. (HALL, 1996, p. 70).

A festa é espaço produzido pelas relações humanas tecidas no cotidiano e nas muitas possibilidades de interpretação da comemoração festiva. Amaral (1998, p.11-12), explicita a necessidade de compreensão da festa enquanto prática social revigorante, posto apontar que “as comemorações festivas são manifestações sociais, integradas ao cotidiano dos sujeitos, sendo um fenômeno total que manifesta o êxtase da coletividade e a revigoração do sujeito”. A importância representativa desse processo de celebração se constitui numa marca da identidade cultural, sendo acontecimentos que mobilizam a coletividade.

É possível perceber também que a festa é amalgamada por vários sentidos, ou seja, é o momento em que as pessoas se sentem vinculadas a um todo social e (re) criam vínculos com essas comemorações, podendo, todavia, não ter qualquer obrigação em dar, receber ou retribuir algo ou alguma coisa em troca dos possíveis encontros partilhados. Ou, por outro lado, elas mesmas reelaboram essa obrigação quando estabelecem com os diversos rituais alguma relação de adoração ou de agradecimento. A essa multiplicidade de sentidos que cada sujeito ou grupo incorpora à festa, ainda pode a ela também se agregar uma prática intencional, pensada, planejada para atender aos interesses individuais de políticos, comerciantes, poder público e igrejas que não pode ser desconsiderada enquanto evento. Todavia, independente de não ferir a sua prática coletiva, tem que ser olhada como uma estratégia de apropriação que, numa esfera de possibilidades, leva alguns indivíduos a tirar proveito dela em benefício próprio.

Neste sentido, a festa é marcada, todavia, também pelos risos, congraçamentos, ressentimentos, rupturas e, ao ser entendida enquanto fenômeno histórico-cultural nos oferece a possibilidade de compreender como a construção de narrativas festivas se transforma em narrativas históricas significativas. É uma prática social que permite entrever linguagens múltiplas, sejam elas gestuais, verbais ou de qualquer outra natureza que falam por si só e que, metaforicamente, decodificam o ambiente onde se inserem. As comemorações são produtos e linguagem social; são mediadoras temporais, efetivadas numa matriz fluida, que transforma o tempo cronológico no tempo da festa, que não obedece ao relógio, a uma medição quantitativa; ele é dosado pelo tempo da reza, do ritual, da comilança, do choro, das lágrimas, dos sentimentos aflorados ou pelo entrelaçamento de sentidos e simbologias que garantem ao tempo um compasso cadenciado dentro da dinâmica festiva. Comemorar não é só, meramente reviver o passado, é celebrar dentro de um processo ativo, polvilhado de sentidos, narrativas, linguagens e formas diversas de sentir a festa.

A festa é também jogo; é tática e reelaboração sutil de tramas arquitetadas para sustentar a multiplicidade de sentidos atribuídos a ela, como nos faz pensar Certeau (2001, p. 79). O festejar é um contínuo (re) elaborar e (re) criar de situações e sentidos ancorados à vida dos indivíduos, “em que as trampolinagens, as táticas e as ações se efetivam na tentativa de ocupar espaço” e se fazer presente na festa do outro.

A espacialidade do lugar é fluida, podendo ser vista de diversas maneiras a partir daquilo que os olhos de cada um alcançam ou procuram ver, fazendo com que estes lugares adquiram forma própria e capacidade de exteriorização, mediados pelas práticas que ali se concretizam. Nessa conexão é que acontece a transformação dos lugares em espaços ou espaços em lugares, como dito por Certeau (2001).

Assim, o viver a festa não se vincula apenas ao lugar oficial da comemoração. No caso da abordagem aqui evidenciada, todo esse universo de possibilidades se materializaram fora de um contexto festivo oficial da cidade. O experimentar da festa na sua dimensão sagrada ocorre com mais evidencia quando seus praticantes estão inseridos ao seu universo cotidiano mais íntimo que são nas casas, nos quintais, nas ruas, lugares

que o contínuo exercício de reencontro se reordena, justamente para promover a sua integração ao momento de festa que, muitas vezes, é muito mais significativo se praticado nesses espaços alternativos do que no lugar oficial de realização dos festejos.

Para Certeau (2001, p.309-310), a diferença que define todo lugar não é a da ordem de uma justaposição, mas a forma que envolve sua efetivação. Segundo ele, são inúmeros os elementos exibidos sobre a mesma superfície. Superfície esta espacialmente formada por um empilhamento de peças que nos apresentam toda uma visualidade simbólica e identificatória. O lugar é palimpsesto.

É possível, então, afirmar que na festa os sujeitos assumem posicionamentos distintos em relação à forma como se integram aos espaços. O grau de significado e de interesses que cada pessoa imprime à festa é vivenciado num contexto coletivo, mas absorvido individualmente, conforme as pertencas e a relação que têm com a comemoração.

Os momentos festivos e os interesses aglutinados neles se justapõem como as camadas de um palimpsesto, contudo os sujeitos sociais são capazes de se moverem por essas camadas como as peças se movem num jogo de xadrez, ou seja, os jogadores, através de sua astúcia, pensam o jogo, imaginam-no ou, agindo no impulso, se perdem, e no caso da festa, perdem as noções do festar, do viver e do sentir-se protagonista das comemorações festivas.

Isso reitera a visão de que no Brasil, país considerado festivo, a maioria das comemorações assume significados intensos na vida dos seus praticantes, deixando de serem acontecimentos simplistas, os quais vão ganhando conotações mais significativas, permeados de múltiplos interesses. Muitos grupos sociais que vivenciam a festa a têm, inclusive, como marca identitária – marca esta entendida como sinônimo de identidade dinâmica, “uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada”. (HALL, 2003, p.16).

Sendo a festa um fenômeno histórico e culturalmente produzido a partir das relações mantidas pelos sujeitos com seus grupos sociais, ela é capaz de propiciar a troca de experiências entre os indivíduos, reforçando vínculos de afetividade, religiosidade, pertencimento e comunicabilidade.

A festa, na sua coletividade, exprime o tempo do permitido. Esse tempo permite seu transitar pelas dimensões do sagrado, pois as comemorações, em sua maioria, são carregadas de rituais que envolvem a efusão de expressões diversas de fé.

A dinamicidade das comemorações festivas, quando interligadas às práticas religiosas, como é o caso da festa do Rosário de Catalão, faz com que esse tipo de festejo se projete numa escala de significados muito latente, já que se insere numa dimensão sagrada e profana de difícil separação.

Conforme destaca Perniola (1997), entre o sagrado e o não sagrado tem-se o processo de efervescência do mais que sagrado. É esse sentido que classifica a interação dos sujeitos com essas práticas como capaz de silenciar o homem do propósito de ser dono de seu próprio destino e o integrá-lo ao universo do ninguém, mas também na disponibilidade de aceitar, aprofundar e adaptar-se a qualquer situação que ele não possa mudar, da mesma maneira que pode lhe integrar ao mais que profano.

Ao entrar em contato com essas vivências, os sujeitos passam a viver a festa como o lugar onde o aflorar de sentimentos permite extrapolar a racionalidade para um plano de possibilidades subjetivas que os aproxima do sagrado, permitindo vivenciar e externar os sentimentos adquiridos dessa aproximação.

O lugar festivo é compreendido como um espaço mais que sagrado, já que é o local da vivência e da experiência religiosa que se projeta no campo do não sagrado e ajuda o indivíduo a se relacionar com ele. Está amparado por uma forte carga simbólica que dá a esse lugar uma identidade própria, um estatuto identitário específico de acordo com a relação que os indivíduos mantêm com esse espaço, que também se torna na maioria das vezes, lugar de efetivação de práticas culturais, de vivência e identidade religiosa, de emoções e de alegrias que são reinventadas, costuradas ao cotidiano dando a ele, enquanto lugar sagrado, um reforço coletivo.

Levando em consideração toda essa arquitetura de sentidos e significados em torno das comemorações como lugares de fé e de festa é que se percebe como o universo do sagrado e do não sagrado se imbricam, sem deixar de considerar, é claro antes da explosão final da festa, que podem ocorrer interdições habituais de várias formas, como de fazer com que o sentido da festa oficial seja ofuscado pela comemoração protagonizada pelos congadeiros no interior de suas residências.

E a festa muda de lugar...

As múltiplas linguagens que polvilham os sentidos e os significados da palavra festa pela população da cidade de Catalão fazem com que esse processo, independentemente da forma como se materializa, seja importantes representações coletivas construídas e reconstruídas pelos sujeitos sociais tendo o seu grande aporte nas vivências desses indivíduos. Essas narrativas se efetivam na forma de marcas identitárias próprias “produto e produção de valores e concepções” (SAHLINS apud FLECK, 2006, p.223) recriações no/do tempo, cujas nuances interpretativas remodelam não só as percepções, mas também o sentir a festa.

O tempo da festividade é o tempo do lembrar para muitos de seus praticantes, cuja memória é o vínculo primordial que os unem a sua ancestralidade, e a torna viva à luz do tempo presente, incentivando os sujeitos a transitarem entre o passado e o presente.

Do envolvimento com os preparativos da festa, as lembranças do passado se materializaram e vieram à tona com mais efusão, permitindo que revivessem não só a

festa em si, como a própria vida, os entes queridos que se foram, matriz cultural que impede o desenraizamento e a não alienação enquanto sujeito de sua própria história.

Os sujeitos que vivem a festa do Congado e a devoção ao Rosário estabelecem linguagens próprias de interlocução com a sua ancestralidade, com suas práticas e saberes herdados e expressam seus sentimentos por meio de uma memória mediadora desse processo de recriação histórica. Neste viés, a festa ao mesmo tempo em que é uma fonte que liga os congadeiros as suas raízes ancestrais, os faz interagir com a cultura do outro, une passado e presente, transforma sua relação com o sagrado com sua cultura, resguarda em gestos e falas os sentimentos dos praticantes e redimensiona a reconstrução dos sentidos vividos.

As múltiplas formas de fé sejam elas as expressas em linguagens rítmicas, contudo, rezada, dançada, não simbolicamente gestualizada, reveladas por imagens ou diferentes formas de sentir e viver cotidianamente as práticas culturais proporcionadas pelos discursos religiosos permitem visualizar uma prática cultural popular que entremeia o sagrado e o profano, o passado e o presente, os conflitos e as lutas sociais constituindo a possibilidade de reler e compreender uma história de muitas histórias.

É operante dizer que nesses espaços compreendidos como lugares vividos, foi onde as falas dos sujeitos saíram da clandestinidade e puderam imprimir suas marcas, deixando-as fluírem como dissonâncias das impressões cotidianas, materializando sonhos em realidade e recompondo os sentidos do Congado e de sua fé em suas vidas. Em alguns momentos, essas falas emergiram reforçando valores, estabelecendo vínculos e permanências e também proporcionando mudanças, em outros acabaram se ocultando. Quando nessa profusão de gestos e falas, as possibilidades existiram, interferiram nas narrativas transformadas e experimentadas de múltiplas maneiras.

Dessa forma, a condução da trajetória trilhada perpassou pelo universo poroso da transmutação das falas em linguagens que permitiram, ao mesmo tempo, compor e contrapor momentos e situações que me levaram ao entendimento dialógico dessas falas como sonoridades vivas e recondutoras da cultura de um grupo, experimentadas e vivenciadas de diferentes formas pelos sujeitos sociais.

Se para Geertz (1989), o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, a cultura é essa tessitura. Os símbolos culturais movimentam a vida dos indivíduos; e a experiência humana se revela a partir do instante em que a sociedade se permite rever-se, inclusive, por suas práticas culturais.

Todas as experiências envolvendo a devoção a Santa do Rosário em Catalão, Goiás são produtoras de culturas e traduzem os sentidos atribuídos aos lugares de vivência, ambientes onde os indivíduos usufruem os artefatos culturais tangíveis que ali são criados e assumem múltiplas dimensões simbólicas que ultrapassam os espaços e fronteiras físicas. Por isso, o espaço de materialização dessas práticas culturais ao se edificarem em locais híbridos revelam conflitos, tensões e negociações.

É nesse campo minado que as falas fluíram, emergindo sentimentos diversificados das experiências envolvendo fé e festa e onde ocorreu a concretização de muitas práticas e saberes, cujos discursos ganharam infinitas formas, se edificando em palavra viva, resistindo e persistindo a toda uma ordem instituída que personificou o sentido da própria comemoração consumida de acordo com aquilo que cada um almejava.

Entretanto, o ato de experimentar a festa enquanto o lugar das múltiplas linguagens e absorvê-la como parte fundante de uma cultura ou da cultura do outro, faz-me entender as comemorações festivas inseridas dentro de processos ou momentos em que as práticas culturais se produzem mediante o lugar ou nos “entre - lugares”.

Esses “entre - lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 2005, p.20).

Então, viver a festa é, também, viver a confluência dos “entre - lugares”, da redescoberta do tempo, das lembranças, das recordações, que propiciam aos sujeitos a redefinir o seu grau de pertencimento, de reescrever sua história e suas memórias nesse lugar cultural, que é histórico.

No caso dos festejos de Catalão, é nítido a cada festa percebermos que aparentemente os organizadores do evento têm uma preocupação com a padronização da comemoração numa tentativa de nivelamento de todos os sujeitos na festa, porém é nítido que as expressões de fé, de devoção, de regozijo ou do viver a própria celebração se concretizam de muitas formas, de acordo como cada ator social experimenta, revivi e sente a comemoração como parte de sua vida e de sua história. Ali, no lugar da festa, um ritmo próprio que envolve o rezar e o festar é concretizado o que faz dessa festividade uma miscelânea de momentos de congraçamento e de conflitos.

Se a festa é o espaço do múltiplo, o hibridismo pode ser entendido como sendo um processo de tradução cultural inacabado e segundo Hall (2005) ele:

Retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades (HALL, 2005, p. 88).

Para Bhabha (2005) conferir autoridade aos hibridismos culturais – é propiciar aos indivíduos a possibilidade de emersão pelos diferentes momentos de experimentação

e de transformação histórica, em que o direito de expressão de cada indivíduo, seja ele minoria ou não, é alimentado pelo poder da reminiscência de se reinscrever através das condições de contingência e contrariedade que presidem sobre as vidas dos que estão na minoria.

Então, é perceptível que nas diferentes maneiras de experimentar a festa os sujeitos estabelecem vínculos e traduzem os sentidos que os mantêm unidos ou que os distanciam de determinados momentos, gerando novas formas de pertencimento e de estranhamento, visto que, para Bhabha (2005):

O fazer-se presente começa porque capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a recolocação do lar no mundo – o estranhamento (unhomeliness) – que é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais” (BHABHA, 2005, p. 29).

Todas essas possibilidades de vivenciar a festa são ser captadas; seja a comemoração vista de dentro ou de fora e ainda inter-relacionando-a com as diferentes formas e percepções que os outros sujeitos apresentam em relação a ela. Que outros sujeitos são esses? As pessoas que veem a festa como espetáculo, como mero acontecimento local, os políticos, empresários que lucram com sua realização e a própria Igreja que também utiliza a festividade em seus mais diversos sentidos procurando tirar proveito próprio de sua realização.

Tudo isso se percebe por meio da arte de recontar histórias e mediante o efetivar das experiências congadeiras. Nesse universo movediço que o despertar de uma série de sentidos envolvendo fé e festa entraram em ebulição nos anos de 2002 e 2003 quando realizava pesquisa com algumas famílias congadeiras, como foi o caso de Edsônia Arruda, que na sua condição de mulher, negra, devota de Nossa Senhora do Rosário e congadeira pode vivenciar os dois lados dessa moeda festiva, ou seja, teve que administrar a passagem de congadeira anônima à de protagonista de todos os holofotes festivos quando festeira no ano de 2003. Ou as possibilidades de irromper o cotidiano e participar da celebração como marca da vida, de acordo com as impressões sentidas nas muitas falas que direcionaram o exercício da escrita, em especial o significado dos ensinamentos congadeiros percebidos nas críticas do senhor Edson Arruda em relação ao uso da festa como vitrine social e política, ancoradas aos ressentimentos e aos silêncios contidos na fala dos membros da família Arruda ao retratar o significado do Congado e da presença do pai na materialização da sua identidade entre os anos de 2002 e 2003 e poder também ser festeiro do Congado cumprindo uma promessa antiga do pai falecido.

A fim de exemplificar como cada história narrada, compreendida como fruto do ir e vir da memória, novas/velhas histórias atento-me aqui a narrar alguns episódios envolvendo a família Arruda.

A arte de (Re) contar histórias

Como ponto de partida elejo um episódio ocorrido no ano de 2003, na festa em Catalão. Nesse ano, uma família negra, congadeira e pertencente às camadas populares foram festeiras⁶ das comemorações em louvor a Nossa Senhora do Rosário. Nessa perspectiva, é nítido que a comemoração do ano de 2003 trouxe muitas expectativas em torno do acontecimento, pois quebrou a tradição de várias décadas em que a Festa teve seu comando nas mãos de pessoas brancas de poder aquisitivo elevado para os padrões locais e, nesse ano, foi administrada por negros e congadeiros.

A família Arruda, após pleitear por vários anos a posição de festeiros do Rosário em Catalão, em 2003 conseguiu ocupar o cargo, promover a festa e cumprir uma promessa antiga do patriarca. Contudo, foram unânimes em afirmar que não foi tarefa fácil que o parâmetro de uma boa festa em Catalão é dosado pelo quantitativo financeiro que se injeta nela e pelos lucros obtidos. O bom festeiro é aquele que oportuniza divertimento, fatura, organização e muito lucro a ser dividido entre a Irmandade e a Igreja.

Destacaram ainda que por serem uma família negra de camada popular, muitos membros da Irmandade do Rosário e grande parte da população da cidade demonstraram preocupação se eles seriam capazes de realizar uma festa tão boa ou melhor que as organizadas pela elite local nos últimos anos. Entretanto, a família sempre frisou saber da responsabilidade assumida, mas mais importante do que a realização de uma excelente festividade era poder concretizar um sonho antigo do patriarca já falecido.

Nessa trilha de reconstrução de um diálogo com a festa é imperativo perceber que o aguçar da memória se dá de forma entrelaçada por uma série de condicionantes:

Amarrar a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado; o sagrado e o profano; o registro e a invenção; a história e a ficção; revelação e ocultação de fatos, acontecimentos vivenciados e presentificados na memória dos sujeitos sociais. (NEVES, 1998 apud DELGADO, 2006, p.40).

Essas recordações assumem uma significação pessoal para cada indivíduo cuja representatividade se consolida de forma diferenciada, pois cada sujeito absorve e atribui sentidos às recordações de acordo com o grau de importância que elas assumem para si. Nesse conjunto de sentidos, fluem e emergem as lembranças do passado, os

⁶ Em Catalão-GO, desde os primeiros relatos de realização dos festejos nas fazendas da região e nas comemorações da cidade, apenas três festeiros negros foram responsáveis pela realização das comemorações. A partir da década de 1930, quando a festa se fixa na cidade, o papel de festeiro foi até o ano de 2002 atribuído a famílias brancas de elevado poder econômico e influência política local. Pude constatar esse fato, analisando e pesquisando a trajetória da comemoração, ao longo dos seus mais de cem anos de realização, nos livros de atas da Irmandade local.

ressentimentos, os desejos e vontades adormecidos e a própria necessidade de materializar na história da festa a sua própria história, assim como finalizar um ciclo cumprindo uma promessa feita por um ente já falecido.

No caso do voto feito pelo patriarca da família Arruda, esse não foi a mim revelado de imediato, mas uma de suas filhas me disse que se tratava da quitação de uma dívida com a Santa do Rosário que vinha sendo protelada há várias décadas. Ela deixa subentendido que foi uma promessa bastante antiga feita pelos pais; noutros momentos fez entender que estava relacionada à doença de um parente próximo, um irmão do seu pai ou, ainda, que a promessa fora feita num momento de turbulência vivido pelo patriarca em relação à Irmandade. Por isso, reafirmou que ser festeiros não tinha o mesmo significado que o cargo tem para outras pessoas da sociedade, mas seria muito relevante para a família ocupá-lo, pois assim realizariam um desejo antigo do pai e poderiam quitar também a dívida com Nossa Senhora do Rosário.

É válido dizer, como bem afirma Delgado (2006, p.40), que os acontecimentos da vida em comunidade, as experiências compartilhadas ou as mais solitárias são reflexos exteriores, estímulos para o reavivamento das lembranças que seguem uma dinâmica própria, fazendo dos indivíduos, sujeitos capazes de reconstruir com o vivido um referencial, uma base para a (re) atualização das suas histórias. A família Arruda, ao evocar suas recordações, recriou uma ponte entre o passado e o presente, e dos cacos perdidos de sua própria história recontam suas memórias.

No diálogo, mantido com a família Arruda, compreendi o dito e o não dito, nos olhares e na própria forma adotada por cada sujeito de interagir com o seu meio social. O dito, aqui entendido como as histórias narradas, construídas dentro de uma cronologia de sentidos própria, divulgadas coletivamente; e o não dito, aquele sentido guardado nas entranhas da memória daquilo que foi vivido, absorvido, armazenado, fruto das experiências mais íntimas, que surgem com reticência.

Pude acompanhar Edsônia Arruda, uma das filhas do senhor Geraldo Arruda no ano de 2002, durante vários meses que antecederam os dias de festa oficial e, em especial, no último dia da comemoração do referido ano. Nessa ocasião, ela e toda a família se preparavam para viver um momento muito especial. Depois de muitos anos de tentativa, iriam receber a Coroa de Nossa Senhora do Rosário e poder realizar a festa do ano de 2003. Associado a isso, a preocupação em ser bons anfitriões já tomava conta de toda família. Todos se desdobravam para receber os convidados, organizar a chegada dos mais de vinte grupos de Congado para o cortejo de transmissão da Coroa, ritual que simboliza a passagem da festa do festeiro atual para o do próximo ano. A família Arruda seria a responsável pela festa do ano de 2003.

Minutos antes do início do acontecimento pude ver Edsônia, festeira escolhida para o ano de 2003, na sala da casa da mãe observando as fotos dos pais, dos irmãos falecidos e dos demais familiares. Ali, grande parte de suas lembranças se recompunha, pois as recordações e os sentimentos ganhavam novos contornos. Mas essa comunicação

se dava através de vozes silenciadas, só ouvidas por ela, que revivia momentos idos, que se constituíam numa simbiose que integrava o real e o sobrenatural; o passado e o presente; os sonhos e os desejos; as alegrias e os ressentimentos, ali, naquele momento de recordação.

Se as lembranças naquele cenário faziam Edsônia reviver o passado, as suas recordações provavelmente fluíam misturadas aos sentimentos, às emoções, às dores e expectativas, pois ali, o ver, o ouvir e o rememorar era a tríade que possibilitava o transitar de Edsônia pelas suas recordações, assistindo ao filme da vida que se passava na sua mente, pela qual ela visualizava os bons e maus momentos compartilhados pela família, possivelmente protagonizados pelo pai. Ouvia as vozes do silêncio que recontavam histórias desse passado, cuja sonoridade se espalhava pela memória, com isso, fazendo borbulhar nas suas lembranças a materialização das experiências vividas, possibilitando a ela inserir ali as vitórias conquistadas que, na sua percepção, acalmariam o fervilhar do passado, amenizando os ressentimentos e as mágoas desse período.

Nas comemorações do ano de 2003, reencontrei Edsônia e o irmão Edson (hoje já falecido). Ambos demonstraram um sentimento de vitória, de dever cumprido, de reencontro com o passado. Ali, diante da imagem de Nossa Senhora do Rosário, que permaneceu na residência da família durante todo o ano, os dois faziam suas preces e se preparavam para terminar mais um ciclo da trajetória de vida a ser fincada na história da família e da própria cidade. Foi ali, naquela pequena sala da casa da mãe que Edsônia Arruda sintetizou com palavras o que estavam sentindo naquele momento:

Nossa! Esse era um sonho antigo do papai! [...] ele sempre quis ser festeiro. (chora) Ele queria pagar a dívida que ele tinha com a Santa [...] Morreu sem poder realizar seu sonho! (soluça e chora copiosamente). Mas hoje, de onde ele estiver e, eu sei que ele está aqui vendo tudo isso, deve está muito feliz e ajudou a gente a fazer a festa! (Entrevista, 2003).

Observei que aquelas palavras vinham embebidas de recordações e episódios tristes, outros alegres, mas eles iam e vinham, faiscando as lembranças adormecidas no tempo que reascendiam e aqueciam a materialização das recordações em sentimentos e estes em sonho.

Porém, não descartava a importância de ter usufruído a visibilidade que a festa lhes proporcionou. Pois, através do cargo ocupado naquele ano, todos os membros da família Arruda puderam reafirmar, perante a sociedade local, que eram construtores de suas histórias e que a trajetória trilhada não evidenciava apenas um desejo antigo e sim a reafirmação dos seus laços de pertença identitária. O projetar da família no cenário local reiterava a sua importância cultural, que, nesse sentido, teria seus valores étnicos reconhecidos. Seriam respeitados pelo feito alcançado. E o alcançar desse feito como

marca da sua história passa a ser um diferencial significativo dentro do contexto organizacional da Irmandade e do Congado local, creditando a eles uma importância dentro desse contexto festivo.

Analisando esses momentos vividos pela família, é inegável que o fato de terem sido agraciados com a possibilidade de realizar a festa do Rosário projetou, durante todo o ano de 2003, a família Arruda na sociedade local. Os meios de comunicação como televisão e rádios da cidade deram destaque à festa da família. O jargão ostentado pela mídia e absorvido pelos festeiros era o de que nesses mais de cem anos de festividades pouquíssimos tinham sido os festeiros negros no comando da comemoração.

A evidência dos Arruda aumentou à medida que se aproximava a festa. Sempre quando se pronunciavam publicamente, faziam questão de referendar que a festa por eles comandada seria a mais organizada até então, se constituindo numa das mais prósperas dos últimos anos. Para alcançar seus objetivos fizeram uma festa luxuosa com a ajuda do poder público local.

Assim, naquele ano, a expectativa da população foi grande em relação à festa. Primeiro, porque algumas pessoas teciam comentários negativos em relação a sua realização. Pessoas conceituadas da cidade me disseram não entender a atitude da Irmandade em oferecer a coroa para uma família de poucas posses. Ao tecerem seus comentários se baseavam no perfil e na atribuição dada ao festeiro, mas parcialmente o parâmetro da discordância em relação aos festeiros do ano de 2003 era a sua condição econômica e nível cultural pertinente ao bom anfitrião. Essas falas se deram envoltas num estranhamento visível em relação à escolha dos festeiros.

O que percebi também é que a ruptura com um padrão pré-estabelecido, com um modelo e perfil agregado ao papel do festeiro estava, naquele ano, sendo recriado e redimensionado pela irmandade. A escolha dos festeiros meramente pelas condições econômicas estava sendo questionador. Um fato interessante é que os membros do próprio Congado local de antemão sentenciavam como desastrosa a festa da família Arruda sem nem mesmo a comemoração ter acontecido.

Tantos questionamentos e deduções, a maioria deles do conhecimento da família Arruda, fizeram com que reforçassem junto à população, através dos meios de comunicação local, que aquela seria uma festa inesquecível, que ficaria marcada na memória de todos. Mesmo assim, alguns comentários tecidos evidenciavam a suntuosidade daquele festejo, naquele ano. A festa de 2003 apresentou algumas especificidades que lhe garantiram marcas históricas, não só pelo fato da família de festeiros ser negra, mas pela forma como os momentos festivos foram conduzidos e preparados.

O domingo de festa daquele ano foi especial, pois naquela manhã quando todos esperavam que o cortejo ocorresse como nos anos anteriores percorrendo as ruas da cidade rumo à Igreja do Rosário para a missa campal, que culminaria na tradicional

benção das bandeiras dos ternos do Congado, foram surpreendidos. A população estranhou o fato de apenas o andor com a imagem de São Benedito estar ali, no local, apostos para o cortejo. De repente, um helicóptero começa a sobrevoar o local de concentração dos fiéis e, ao descer, uma surpresa: de dentro dele sai o senhor Edson Arruda, um dos festeiros do ano, com a imagem de Nossa Senhora do Rosário que é colocada em andor e transportada pelas ruas da cidade até o largo do Rosário onde a missa aconteceria.

Ali, naquele momento, foi nítido o alvoroço de todos com o acontecimento. O espaço era disputado por pessoas comuns, congadeiros, fiéis e pelos políticos locais que pleiteavam a atenção dos participantes e dos próprios festeiros. Contudo, para a família, aquele momento era o de render graças, de agradecer e pedir proteção para que pudessem terminar aquela festa e participar de muitas outras, como me relatou Edson e Edsônia Arruda, após o término do evento. Por outro lado, funcionou como momento de prestação de contas frente às muitas dúvidas postas em relação à qualidade e visibilidade da festa por eles comandada.

Outro aspecto relevante das observações realizadas na comemoração em 2003 foi à forma como os festeiros desse ano interagiam com as pessoas nos momentos festivos. Quando a família estava inserida nos lugares de maior afetividade ou intimidade, as emoções se reconfiguravam em muitas falas, mas quando expostos aos olhares de todos, preferiam ser mais diplomáticos, demonstrando constante preocupação com o ritmo dos festejos. Entretanto, a emoção em alguns momentos fluía repentinamente, pois em diversas situações deparei com Edsônia em lágrimas frente a tudo que vivia na companhia do irmão Edson Arruda e de toda a família.

Portanto, friso que nos anos em que acompanhei mais de perto a trajetória da família Arruda, seja pleiteando a festa, seja realizando-a, presenciei muitos momentos de reencontro com as lembranças do passado, e em muitas delas, o aflorar das recordações se deram nos espaços domésticos do interior de suas residências e nos quintais.

No caso da família Arruda, os vínculos de parentesco e de identidade coletiva são reforçados com muita intensidade na representação simbólica que a casa tem na vida da família, como espaço agregador dos vínculos familiares e sequência das vivências compartilhadas.

As casas da família Arruda se encontram dentro de um mesmo terreno, espaço este adquirido pelo avô no final dos anos de 1800, e que é a maior herança da família, pois ali a maioria reside, cada qual na sua casa e desfrutam de um quintal coletivo. A organização se assemelha muito às organizações tribais africanas.

Entre os bantos era comum a edificação de suas casas levando em consideração a organização circular do espaço. Ali, as moradas eram construídas dentro de um terreno, cuja entrada coletiva era por uma única abertura ou porta, nas proximidades da qual

mantinha-se sempre acesa uma fogueira que dava acesso às moradias, formadas por casas independentes.

Em África, sempre eram comuns as construções familiares ocupando um mesmo terreno cercado por espaços de trabalho, por horta, árvores frutíferas e de sombra - representação da presença ancestral no local, espaços cerimoniais, cercados de animais, formados por diversas edificações, sendo que a primeira, próxima à entrada, era sempre pertencente ao chefe local.

O quarteirão onde reside a família Arruda se localiza numa região central, no alto da cidade. Ali, a entrada de acesso ao grande quintal fica na rua principal que corta o quarteirão. Desse lado, residem três famílias e na outra rua mais três. Todas as casas possuem suas entradas independentes, seus quintais particulares com acesso para um grande quintal. Existe uma entrada principal de acesso ao espaço que se encontra ao lado da casa dos patriarcas das famílias, que funciona como quartel general do Congado mantido pela família, lugar de refúgio e de referência de muitas recordações. No centro do quintal há duas enormes mangueiras e ao redor de seus troncos bancos de madeira improvisados. Ao lado da cozinha da casa dos patriarcas se encontra uma pequena oficina de confecção de instrumentos, principalmente das caixas de percussão que ali são guardadas após cada festa realizada e, ao fundo, espaços reservados ao cultivo de plantas diversas. A organização desse local é bem próxima às feitas por Weimer (2008). Os moradores disseram que sua estrutura foi pensada pelo pai de Geraldo Arruda.

O quintal é, então, o espaço em que a família reencontra o passado, revive a sua ancestralidade, materializa sua religiosidade e reelabora a sua cultura. Esse espaço de chão batido, com enormes mangueiras, funciona como lugar agregador, pois foi herdado pelo pai e passado aos filhos para ser o espaço de vivência e experiência da família.

É por isso que todas as casas se convergem para esse espaço que faz com que esse quintal seja coletivo, porém cada residência possui seus contornos próprios, com seus pequenos quintais particulares demarcados com placas de cimento ou de uma forma mais rústica; com cerca feita de bambus, pois a divisória não tem o caráter de proteção e, sim de demarcação dos espaços de cada família, porém todos circulam de casa em casa sem a preocupação com as formalidades.

O quintal é o local das recordações mais íntimas da família, pois foi ali que cresceram, prosperaram, viram o tempo passar; seus entes queridos partirem e outros chegarem. Foi ali, à sombra das grandes mangueiras que os ensinamentos do pai prosperaram; que seus sonhos foram realizados acompanhando o crescimento daquelas árvores, que são também, árvores da memória do grupo. À medida que as mangueiras cresceram, cresceram as esperanças de um futuro melhor, acompanhando a passagem do tempo, medido a cada frutificar. Nesse local perceberam que as saudades, as dores da perda, as vitórias são revividas com um sabor diferenciado, pois foi ali que tudo começou e é ali que tudo se revigora, como a própria árvore dita no renovar de suas folhas.

As folhas caídas ao chão, levadas pelo vento e acumuladas num canto qualquer desse enorme quintal, simbolizam o frutificar das lembranças do grupo que se revigoram e são esquecidas; são contadas e recontadas ou se reverterem em segredos, cuja recordação é revivida no íntimo de cada sujeito, enchendo de esperanças ou de inquietações as memórias de cada um ou se amontoando até se perderem pelos vãos do tempo.

O quintal da família Arruda simboliza a união do grupo, sempre reforçada pelo pai ao longo de sua existência. É também o lugar de reelaboração das práticas e saberes herdados, tanto é que a circularidade desencadeada nesse espaço faz dele o ambiente de reencontro com o passado e de atualização do próprio presente através dos ensinamentos e das práticas que ali se concretizam, dentre elas a arte de transmitir com sabedoria os legados do próprio Congado.

Foi nesse espaço que o senhor Edson Arruda pôde reencontrar suas memórias, materializando-as em histórias narradas, constituintes da importância dada ao lugar, pois foi ali que aprendeu com o pai os segredos do Congado e, dentre esses, a arte de confeccionar os instrumentos de percussão de forma artesanal. Foi nesse lugar de memória que sua fala transcendeu para além de simples palavras, corporificando-se em narrativas oscilantes imbricadas de alegria, de dor, de fé, de apreensão, de saudades, de realização, de dever cumprido e, sobretudo, de volta ao passado.

O contato com o lugar, com os instrumentos musicais, com as ferramentas de trabalho, a maioria delas utilizadas pelo pai, fez daquele ambiente um momento de recriação identitária, propiciando a ele reviver muitas histórias e torná-las novamente presentes, atualizadas nas suas lembranças. Espaço para manter viva a figura do pai como coautor de suas recordações, pois ele deixou claro que o pai ainda é seu grande espelho.

Por isso, o senhor Edson Arruda destacou que lembrar o passado é a possibilidade de trazer à tona a imagem do pai, pois é o patriarca que corporifica a junção do passado ao presente por meio da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

Dessa forma, é importante dizer que a memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Logo, é possível compreender a importância dada pelo senhor Edson Arruda àquele lugar. Estando ali, suas lembranças fluíam, transformando a ausência das pessoas que se foram em presentificação, posto que *pela memória, as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes*. (BOSI, 1992, p.28).

E na efusão de tantas lembranças, o senhor Edson Arruda narrou as muitas histórias contadas pelo pai, e atualizadas por ele, reafirmando que tudo que aprendeu e apreendeu em relação às festas do passado conseguiu absorver daquilo que foi transmitido pelo pai. Foi enfático à época em dizer que guardou nas suas lembranças não só momentos de felicidades como também de dificuldades, sobretudo, daquelas relacionadas à manutenção da festa ao longo dos anos pela família.

Esses obstáculos impuseram suas marcas na recomposição das histórias recontadas que, ao serem recordadas, percorreram a trilha da memória. Nesse contexto,

as recordações estando vinculadas a uma forte carga sentimental fizeram do ato de relembrar um processo dinâmico, possibilitador da reconstrução da memória e, consequentemente, da história vivida.

Esse (re) viver de tantas lembranças dá, ainda, o tom à linguagem viva do Congado. O tempo de relembrar essa prática cultural é um tempo de latências, que permite aos sujeitos narrarem às histórias herdadas, pois “a memória vive do tempo que passou e, dialeticamente, o supera” (BOSI, 1992, p. 27).

Então, para o senhor Edson Arruda, o fato de poder (re) contar as histórias do Congado atreladas às da família, funcionava como uma forma de representar, através da oralidade, as suas próprias histórias e reconstruir as várias possibilidades de reacender a sua própria identidade negra e congadeira. Neste viés, ele demonstrou ser ciente da importância da oralidade na manutenção dessa prática cultural, pois segundo ele deixou transparecer em 2003, quando isso não ocorre, enfraquece-se a essência que movimenta o Congado, ou seja, o sentido que a sua concretização tem na manutenção do viver de cada praticante.

Quando levamos em consideração a carga emocional contida nas narrativas dos sujeitos, percebe-se nitidamente que as palavras fluem imbricadas de sentimentos que dificultam, às vezes, a sua materialização verbal. Nesse contexto, da voz do senhor Edson Arruda não fluiu apenas palavras, mas também emoções, representando os sentimentos acumulados ao longo dos anos, que naquela hora afloraram, mesmo que contidamente, revelando suas lembranças do passado.

É válido dizer que poderiam ter sido outras as palavras do senhor Edson Arruda se não estivesse ali na sua residência. Algumas vezes fui convidado a lhe acompanhar pelo quintal coletivo da família de onde pude, atentamente, ouvir suas histórias e observar a sua relação com o lugar e como aquele encontro propiciava o aflorar de sentimentos presentes nas falas e nos gestos do nosso narrador, enquanto ele cuidava de alguns afazeres ligados à festa. Talvez, também, não tivesse presenciado na sua fala, o peso da perda do pai e dos irmãos falecidos, ao relembrar momentos tristes, se ele não se sentisse envolvido com os preparativos em torno da comemoração.

Foi nesse ambiente de recriação de suas memórias que o senhor Edson Arruda extravasou seus sentimentos e o peso das muitas perdas (do pai e dos irmãos falecidos) e a doença da matriarca. Contudo, reviver o passado, na sua perspectiva, se constituía numa oportunidade de senti-los ali, presentes, principalmente o pai, pois todas as agruras diárias se suplantavam quando levado em consideração que ser congadeiro e participar da festa era: “[...] fazer aquilo que era a maior alegria do papai!” (Entrevista, 2001).

Conforme destaca Certeau (2001, p. 38), a organização da vida cotidiana se efetiva mediante a interpretação que fazemos desses lugares. Sendo assim, o bairro é o lugar de interação onde a arte de conviver com pessoas se refaz, propiciando o compartilhar da cultura do outro no coletivo, uma vez que prática cultural se vincula a

uma combinação mais ou menos coerente, fluida, de elementos cotidianos concretos que às vezes representam as tradições herdadas de um determinado grupo social cuja marca se imprime na vida do grupo como um todo.

A identidade congadeira da família Arruda se encontrava naquele momento disseminada por todo o bairro, fazendo com que o lugar seja reconhecido por essa peculiaridade, tanto é que ali foi edificada uma praça chamada de “Praça dos congos”, símbolo representativo da cultura do grupo e absorvido pelos moradores do bairro, mesmo não sendo eles membros da família ou congadeiros.

É comum ainda verificar que, nos dias de festa, os moradores do bairro têm como referência a casa, o quintal e a própria rua onde as residências dos irmãos Arruda se localizam como ponto de encontro com a cultura local do Congado. Todas as casas e o grande quintal da família Arruda deixam de ser espaços privados da intimidade dos familiares para se constituir no lugar de efervescência coletiva das práticas e saberes do grupo, edificado no Congado e nas comemorações feitas pela família durante os dias de comemoração, prática que ainda se mantém ativa nos dias de hoje.

Naquele espaço, entre os anos de 2002 e 2003, pude presenciar uma transformação temporária de funções; o quintal, de ambiente privado, se constituiu em local festivo alternativo para os ensaios, almoços e outras confraternizações alusivas à festa se tornando o palco do (re) encontro da família com seu passado e com o evento atual.

Vale salientar que tanto o evento quanto o espaço tem significados distintos, mas a família Arruda, em especial, soube que os momentos ali socializados eram também os de renderem graças ao Divino. Às raízes da grande mangueira conduziam o rufar das vozes e dos pedidos feitos, cujas súplicas eram por dias melhores ou em agradecimento pelas conquistas alcançadas, pois aquele momento não era de dor e sim de conagração coletivo, mas não deixou de fazer fluir em forma de emoções as rugosidades e as manchas do passado.

O ritual tornou-se para os transeuntes lugar do sagrado e do profano, da reza ao pé dos altares e do reencontro com os vizinhos, com os congadeiros e com todos aqueles para os quais a festa tinha significado. O quintal, nesta medida, funcionou também como o cartão de visitas da família Arruda, conhecida também pelo apelido do pai - *Prego*.

Foi nesse quintal, vivendo todos os sentimentos possíveis, que a fala de nosso narrador Edson Arruda se encontrou com a fala de sua irmã, propiciando a recriação dos ensinamentos mais íntimos transmitidos pelo patriarca, os quais sustentam a manutenção da identidade do grupo e a relação deles com a própria festa.

Na visão de Edsônia Arruda, ela apreendeu com os pais não só as muitas histórias sobre a festa e sobre o Congado, mas também dar vida aos temperos e foi ali, à sombra daquelas mangueiras, que presenciava sua tia a preparar as encomendas; foi acompanhando a mãe às casas onde ela trabalhava que aprendeu a desvendar os segredos

da cozinha; foi ali, naquele quintal, que recebeu os ensinamentos dos pais e os segredos congadeiros; foi do suor expelido pelo calor do fogão a lenha que preparou vários pratos e quitutes se firmando enquanto cozinheira reconhecida, profissão que garantiu o sustento e a educação dos filhos.

Foi também naquele lugar que Edsônia Arruda aprendeu com o pai a valorizar a importância que o congadeiro tem na manutenção dessa prática cultural, o que na maioria das vezes não é evidenciado no que se encontra registrado sobre as comemorações. Contudo, reafirma a preocupação do pai com a cultura do Congado, dizendo que, de todas as experiências, o pai extraía o que de mais positivo percebia agregando tais fatos em suas narrativas. Assim os novos conhecimentos incorporavam-se aos já existentes recompondo as lacunas da memória e da própria história do Congado local.

As falas da família Arruda são atuais ainda, uma vez que as narrativas são dinâmicas, principalmente aquelas ancoradas à oralidade. E, por isso, embebedas de intenções diversas. Algumas falas ou sentidos dados por eles à festa exemplificam o recontar dessas histórias congadeiras, dentre elas a resistência e a persistência dos congadeiros em levar adiante a ideia de realização da festa na cidade. Eles atrelam ainda as suas falas a importância do pai como conarrador dessas histórias.

Portanto, as histórias do Congado se fortalecem no reavivar da memória e se fomentam na capacidade que a memória coletiva tem de armazenar narrativas e expô-las associadas às vivências de cada sujeito. Por outro lado, a individualidade contida nas falas, faz delas um arcabouço em que se armazena o passado e o presente, que fluem na desconexidade das recordações. Quando evocados vão juntos reconstruindo as falas dos sujeitos, as expressões e os sentimentos vividos, ou seja, “as informações surgem permeadas do aspecto emocional de quem as experimentou [...]” (PEREIRA, 2005, p.31).

Nesse sentido, Luciêda Maria das Graças, filha de Edsônia Arruda, me explicou anos depois a relação da família com o lugar e a sua importância na manutenção dos sentimentos que os ligam ao Congado. Segundo ela o quintal é:

O lugar mais importante para mim! Foi aqui que eu cresci e vivi os melhores dias de minha vida! Foi aqui também que eu me reencontrei comigo mesma [...] Quando eu parei de dançar eu senti um vazio tão imenso, uma dor no peito, mas eu não podia ir contra tudo que meus avós e minha família sempre pregaram. Eu sabia que não podia mais dançar [...] Eu dancei por 25 anos e tive que parar.(chora) [...] Eu falei que não queria mais participar da Festa e nem dos seus preparativos. Eu disse para o meu tio arrumar outra pessoa para organizar a bandeira, mas parece que eu tinha uma dívida com Nossa Senhora. Ninguém conseguiu arrumá-la. Eu tive que vir cumpri a minha obrigação. Ai eu aproveitei e

pedi perdão a Nossa Senhora. [...] ela me ouviu. Estou até mais aliviada! Tem outra coisa também, eu tive a certeza que essa Festa é tudo na minha vida. É ela que dá força para a gente viver e enfrentar a vida durante todo o ano. (Entrevista, 2007).

Com base em Pollack (1989) e nas falas dos congadeiros, em especial a de Luciêda Maria das Graças, percebo que as narrativas advindas do exercício da memória propiciam a construção de uma ação histórica ancorada no ponto de vista dos seus interlocutores. Isso foi por mim constatado, já que ao falar de si, falar dos outros, falar da festa ou do Congado, os sujeitos da pesquisa falavam das vivências, das dores, das perdas, dos sentimentos mais íntimos que não são revelados a todos, somente quando querem falar, quando desejam expressar suas histórias e, com elas, veem toda uma carga dramática; os rancores, as flores e os espinhos do viver coletivo e do sentir individual.

A memória enquanto relembramento é um ato solitário, único da pessoa que relembra, mas a lembrança do vivido é mediada pelas histórias, experiências e acontecimentos que envolvem outras pessoas. Por isso que os filhos do senhor Arruda frisam sempre que tudo que aprenderam na vida e o que são hoje é fruto dos ensinamentos do pai.

Considerações

Situações de ruptura foram vistas, na festa do Congado de Catalão como as vividas pela família Arruda. Foram muitas as feridas reabertas entre conversas informais, relatos emocionados ou depoimentos que expressavam muito mais que palavras sobre a festa como a possibilidade de sentir-se “gente”, sujeito atuante e (re) criador de suas próprias histórias. Durante as muitas andanças realizadas na tentativa de entrever e entender a festa em seu interior pude entender um pouco desses (des) encontros festivos.

E hoje, com propriedade, afirmo que são desses (des) encontros que se entrecruzam as práticas identitárias do Congado de Catalão, que como canal permite aos indivíduos experimentarem a cultura do outro, compará-la a sua e perceberem que ambas possuem especificidades próprias que lhes permitem vivenciá-las atribuindo a elas sentidos e valores próprios.

Os congadeiros sentem e vivem as culturas híbridas e extraem delas a essência que lhes permitirão dar continuidade à recomposição das suas identidades e das suas pertencas em relação a sua cultura e à cultura do outro. Esta é uma relação de alteridade que permite aos sujeitos desconstruírem o tempo linear, vivenciando a fluidez das temporalidades e espacialidades que envolvem as narrativas de muitas histórias que são compartilhadas no Congado.

Essa tradução cultural sugere, então, a possibilidade de aproximação, de contato e de experimentação do desconhecido, mesmo assim, esse encontro não se distancia das

possibilidades de enfrentamento e conflito. O espaço onde a tradução cultural pode se materializar é fluido, pois é por uma frincha que transitam as mais diversas formas de culturas, já que é através da tradução do que é vivido pelo outro que um sujeito é capaz de colocar-se em seu lugar e experimentar as sensações e as asperezas da cultura desse outro.

Assim, entre encontros, desejos, vaidades e fé, a festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário se refaz a cada ano, tendo como cenário permanente a cidade de Catalão. Nesse sentido, as narrativas, mesmo que individualizadas, sobre a festa apresentam traços culturais significativos construídos a partir de uma mediação entre narrativas individuais e práticas coletivas que edificam momentos da vida dos sujeitos no convívio social que conduzem a uma compreensão da realidade pelo viés das vivências e experiências socializadas pelos grupos sociais.

Com base nessa visão e nas colocações de Halbwachs (1990), a história das comemorações em louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão-GO pode ser entendida como atividade da escrita, organizando e unificando, numa totalidade sistematizada, as diferenças e lacunas, começando seu trajeto, justamente, no ponto onde se detém a memória coletiva, estabelecendo vínculos entre os indivíduos e a sociedade, por meio de sentimentos. Assim, se a festa é memória vivida, presentificada e recriada nas relações dos sujeitos com as festividades, pode-se dizer que ela tem um grande fluido que a mantém integrada às vivências e à história da cidade justamente pela ação da memória. Ainda é válido dizer que toda memória é, então, reconstrução, pois ela se projeta e se reintegra ao presente através do ato de (re) lembrar o passado e as experiências vividas.

Dessa forma, a ponte da memória que trouxe o passado da festa para o tempo das recordações se respalda dentro das percepções de Bosi (1992), ou seja, o passado conserva-se e atua no presente de forma não homogênea, posto que a imagem-lembrança que vem e vai, materializa-se na memória do indivíduo e traz à tona as lembranças boas e as ruins sem nenhuma preocupação de selecioná-las e, além do mais, “a narrativa deve ser compreendida como ato de compartilhar memórias, como fala do homem no mundo e sobre o mundo, posto que sobrevive no tempo atual”.(COSTA, 2001, p. 79).

Assim, a efetivação dessa memória não se dá a partir de um tempo cronologicamente contado e recontado, nem tampouco de narrativas estanques, mas sim, dentro de uma temporalidade dinâmica.

Segundo Magalhães (2002, p.03) o mundo da narrativa é sempre uma experiência temporal. Porém,

Não existe o tempo, existem práticas, temporalidades. Imagens e conceitos espaciais nos impedem de entender como o tempo pode se materializar em temporalidades na nossa prática cotidiana, comum, mais fundamental que

aquela explicativa, analítica, do ‘pensamento entregue a si mesmo’ que, entre outras, poderiam nos conduzir à paralisia pela constatação da inexistência espacial objetiva do tempo. É essa prática que refuta a inexistência do tempo em si. Também é impossível falar da memória nesses termos, ela é infinita, feita de imagens que irrompem, inclusive à nossa revelia. Não chegamos a apreender todo o nosso ser, quando lembramos, algo sempre nos escapa (MAGALHÃES, 2002, p.07).

Nessa perspectiva, a história é:

A construção das possibilidades, sem ela sucumbimos. A presença de desejo move a inquietude transparente de cada dúvida. Ela é o ar da vida e dos sonhos [...] O nosso caos que contempla mares nunca antes navegados, com uma sofreguidão às vezes tediosa, ou com uma ansiedade incontrollável e assustadora. [...] Viver a vida sem contá-la é um silêncio vazio, nossa morte. Por isso as narrativas são importantes e decisivas. (REZENDE, 2006, p.45).

A história da festa do Rosário de Catalão-GO, ao longo desses anos tem sido recriada a partir de gestos simples, porém representativos e imbricados de sensibilidades, os quais têm propiciado o desvelar de muitas histórias. A maioria perdida pelos vãos da memória. Histórias escritas por muitas vozes - sejam elas definidoras da multiplicidade étnico-cultural ou das simbologias envolvendo a prática do Congado e do hibridismo em torno da devoção a Nossa Senhora do Rosário, ou ainda, por meio de formas e gestos condutores de narrativas inseridas num universo mítico em que a prática festiva ancestral, a fé, a devoção e a festa atribuem novos contornos para as comemorações a cada ano.

As narrativas sobre a festa refletem que ela é uma expressão cultural que tece uma teia que confere significação ao mundo de quem narra e ouve histórias e as reconstituem, as reinventam a cada momento, atribuindo-lhes diferentes significados. Contudo ao narrar, os sujeitos “contam apenas parte do que viu, ouviu ou leu, pois a memória é seletiva, retém apenas os fatos que foram envoltos nos sentimentos”. (COSTA, 2001, p.77).

Nesse sentido simbólico e real, memória e história estão longe de se desvincularem, pois são partes de situações complexas embebidas de afetividades, de sentimentos, de ações, de interesses que projetam personagens, fatos e, sobretudo, conhecimentos que não se dão de forma estanque, isolados de outras realidades.

Nesse contexto:

O tempo cronológico inexistente, o tempo da memória é o tempo da experiência de um período de vida, de atividade profissional, política, religiosa, cultural, afetiva, que nos arrebatava e condicionava quase que inteiramente, nos fazendo perceber e reconstruir a realidade de uma determinada maneira. (MONTENEGRO, 1993, p.60).

Foi possível perceber que nesses mais de 130 anos a festa não parou, apenas:

Mudou de caminho. E sua trajetória continuou a emocionar e a fazer pensar. Nas vias das divergências, das perdas e dos desafios, a festa continuou a memorar tradições, sem deixar de conjugar, no entanto, o verbo trabalhar. Encontros e desencontros. Silêncios. Confrontos. E a festa continuou. Continua. Não só o que já foi, mas o que vem vindo, para continuar ser. Vivenda de promessas. (PASSOS, 2002, p.10).

Mas não foi possível percorrer todos os caminhos que a festa proporciona e nem desvelar as tantas outras histórias guardadas na memória dos mais de seis mil dançadores do Congado. Tentei calçar minha própria trajetória naquilo que mais me seduziu ao longo desses anos de pesquisa: o sentido que cada congadeiro ou praticante estabelece com a festa.

(Re) Viver essas histórias depois de alguns anos de pesquisas já realizadas fazendo outras releituras das muitas histórias reconstruídas é o meio de atualizar as minhas lembranças com a festa do Rosário de Catalão e também de retroalimentar novas reflexões sobre a temática festa e religiosidade popular, não perdendo de vista que a fé e a festa caminham juntas, são expressões latentes na memória de seus praticantes além de ser sinônimo de vida para quem exercita, continuamente, as memórias vividas. Isso reflete aquilo que Ricoeur (2007, p. 41) destaca, ou seja, que a memória se encontra no singular e as lembranças no plural, justamente porque, ao recordarmos, relembremos de fatos ou acontecimentos compartilhados coletivamente e trazemos à tona o que experimentamos dessa relação que se firma na memória e flui, não só através das nossas percepções como em torno de toda a bagagem adquirida e absorvida do convívio coletivo.

Outro aspecto relevante é que mesmo essas histórias sendo vividas e partilhadas coletivamente, cada sujeito as relembra e as corporifica a sua maneira, visto que os acontecimentos ao serem atualizados fluem espontaneamente, seguindo e ocupando lugares próprios na memória de quem lembra e vêm na forma de imagens que falam por si só e assumem contornos outros, pois ao relembra incorporamos a essa presentificação representações, outros sentidos diferentes daqueles vividos anteriormente.

A memória flui e traz consigo os desejos, os ressentimentos, as dúvidas, a imaginação que dão as narrativas a possibilidade de um novo caminhar, como destaca Ricoeur (2007). Para este autor “o ato de rememorar ou de acessar as recordações do vivido, materializadas nas lembranças no tempo presente, é a melhor forma encontrada pelos indivíduos de lutarem contra o esquecimento”. (RICOEUR, 2007, p.48).

É por essa lógica que as muitas memórias, que cercam a história do Congado, têm na re-atualização da festa o espaço de atualização da memória do Congado, evocando nas narrativas a ancestralidade para novamente protagonizarem, junto com outros sujeitos, as histórias (re) vividas.

As rugosidades da memória fazem com que o ato de lembrar percorra caminhos diversos até se materializar em falas e gestos. Outras vezes, entram em erupção e emergem carregadas de ressentimentos visíveis no embargo da voz, na expressão carregada, nos silêncios repentinos, mas saem para reafirmar as mágoas, as desilusões, os desencontros. Essas vozes são as que falam do Congado; que (re) vivem a Festa e reforçam os vínculos familiares e com o passado. A família Arruda é exemplo vivo dessa dinamicidade da memória e de sua materialização. Eles representam centenas de devotos que veem as comemorações em louvor a Senhora do Rosário como mero divertimento. Eles têm esse momento como lugar de reencontros com a fé, com a festa e com as suas novas e velhas lembranças, termômetro que dosa a temperatura do sentido de suas próprias vidas!

Entrevistas:

ARRUDA, Edson. Entrevista (2001, 2002, 2003).

ARRUDA, Edsonia. Entrevista (2001, 2002, 2003).

GRAÇAS, Luciêda Maria das. (2002, 2003)

Referências Bibliográficas:

AMARAL, Rita de C. de M. P. *Festa à brasileira – significados do festejar no País que “não é sério”*. São Paulo: FFLCH, 1998. (tese de doutorado em Antropologia).

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila e outros, 3 ed., Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BOSI, Alfredo. O Tempo e os Tempos. In: NOVAES, Adauto (org). *Tempo e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 19-32.

CAILLOS, Roger. *O homem e o sagrado*. Paris: Gallimard, 1989.

COSTA, Cléria Botelho da. *Memórias Compartilhadas: contadores de história*. In: *Contar história, fazer História – história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001. p. 73-84.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: autêntica, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardiã Resende e outros. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- _____. Identidade cultural e Diáspora. In: *Revista do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional* nº 24, 1996. p.68-75
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará & Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
- MAFRA, Rennan. *Entre o Espetáculo, a festa e a argumentação: mídia, comunicação estratégia e mobilização social*. Belo Horizonte: autêntica, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano – Artes do Fazer*. Tomo 1 e 2, 6 ed., Petrópolis: Vozes, 2001.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Cartografia da sensibilidade: a arte de viver o campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII). In: ERTIZOGUE, M. H. & PARENTE, T. G. (orgs). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006. p.217 – 254.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.
- MAGALHÃES, Nancy A. “Narrativas em vídeo oral e visual como experiência de criação de sentidos e temporalidades na memória e na História. In: *ANALIS DO VI ENCONTRO NACIONAL DE HISTORIA ORAL –Tempo e Narrativa*, 28 a 31 de maio de 2002, São Paulo: ABHO/CNPQ/FFCH-USP-HIS-USP/ANPUH, em CD, 2002.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral: caminhos e descaminhos. In: *Revista Brasileira de História*. V. 13, n. 25/26. São Paulo, set.92/ago 93. p. 55 – 65.
- PEREZ, L. F. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro. *Festa na vida: Imagens e Significados*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 15-58.
- REZENDE, Antônio Paulo. As sedução do efêmero e a construção da história: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo. In: ERTIZOGUE, M. H. & PARENTE, T. G. *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006. p.35-56.
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a história e o Esquecimento*. Tradução de: Alain François e outros. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- PASSOS, Mauro. Catolicismo Popular: o sagrado, a tradição e a festa. In: *Festa na vida: Imagens e Significados*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 165- 190.
- PERNIOLA, Mario. Mais-Que-Sagrado – Mais-que-Profano. In: BULHÕES, Maria Amélia; KERN, Maria Lúcia Barros (orgs). *As questões do Sagrado na Arte Contemporânea da América latina*. Porto alegre: Editora da UFRGS-PPGAV, 1997.
- PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Os tambores estão frios – Herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candombe*. Juiz de Fora: Funalta edições: Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.
- POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº. 3, 1989